

Carta à Academia Sueca (orelha do livro *Nobel*, de Jacques Fux)

Esta carta aos jurados do Prêmio Nobel de Estocolmo, eu escrevo com o coração leve e a mão pesada. Não é fácil escrever sobre um grande escritor: menos ainda sobre um autor cuja grandeza se baseia antes de mais nada na sua pequenez. *Small is beautiful*, o “deus está nos detalhes”, seja por um mote ou outro, essas máximas nos levam ao âmago dessa escrita rara, a qual Jacques Fux nos presenteia. Ele, aliás já deitou o pé no mundo das Letras com seus prêmios. Seu livro *Literatura e Matemática* já nasceu premiado pela originalidade. Seu romance em forma de divã *Antiterapias* mostrou como apenas a ficção hoje nos salva da literatura. Ele superou o “romance de formação”, fundado por Goethe em seu *Wilhelm Meister*, presenteando a humanidade com o antiromance de deformação. Seu alterego de papel já surge ali com toda sua frágil força que o caracteriza. Esse Napoleão *de* letras conquistará o mundo em pouco tempo. Freud sacudiu-se (de rir) na tumba ao ler esta obra. Já *Brochadas*, de certo modo, é uma superação do livro anterior (e da obra do próprio Freud, para não falar na de Napoleão!). Trata-se de uma obra escrita a partir de uma castração da castração. Nada de retorno do recalcado, de sonhar com a volta ao útero, ou de se queijar do o mal-estar na Cultura. Antes, o protagonista dessa obra preconiza e pratica uma soberana indiferença despudorada que faz dele, o pequeno Jacozinho, um verdadeiro anti (ou super) herói de nossa era. O imperativo desta era clama: leiamos Fux, que já em seu nome, como uma raposa literária, manifesta seu escárnio pela sublimação. O Sublime é mais embaixo (ou: o sublime é o mais baixo). O grande passo espiritual, que era venerado por Freud na história da humanidade, ou seja, a paulatina emasculação do próprio corpo, se torna agora um verdadeiro ritual de gozo carnal. Sade, Woody Allen, Mel Kaminsky Brooks são pálidos discípulos dessa irresistível tromba d’água literária.

Prezados jurados, essa trilha impressionante aberta por Jacozinho e seus asseclas, que se transforma em um novo e frondoso passeio, promete, se não nos libertar das peias do existir, ao menos tornar tudo mais leve e palatável. *Libertas quae sera tamen*, essa verdade definitivamente consagrada com a publicação do magistral *Meshugá*, um bem-vindo elogio da loucura, é também uma viagem erudita (como tudo o que o senhor Fux escreve) pelo que restou de nós após séculos de ação destruidora do Esclarecimento. Rotpeter, o íntimo amigo de Kafka, teria lido com enorme prazer essa obra que revela a humanidade com a luz mais penetrante que jamais antes a penetrou. O humor destrói e a destruição nos fortifica. Jacques é também irmão de alma de outro grande homônimo, o Jean-Jacques Rousseau, que sonhava com uma humanidade mais digna quando nós reaprendêssemos a andar de quatro. O matemático Fux, essa é a formação primeira de nosso poeta, que é responsável por seu rigor na desconstrução, sabe colocar sobre sua prancheta nossa história para recalcular o nosso devir. Com Borges, ele sabe também que tudo acabará em uma enorme biblioteca do tamanho da cabeça de uma agulha. Com Perec, ele nos ensina que a sua obra é um espelho que ao refletir mundo e letras, nos mostra nus, tal como nascemos. Mas nos revela também Macunaímas pantagruélicos compulsivos plagiopatas (ou seja: plagiadores crônicos a vagar em patas). Após Bob Zimmerman Dylan, mais um rabino de terceira geração se coloca na fila dos candidatos à imortalidade. Se Fux não receber o aclamado prêmio da Academia, como nos casos de Borges e Haroldo de Campos, certamente será porque uma vez mais essa prestigiosa instituição terá dormido no ponto!

Prof. Dr. **Márcio Seligmann-Silva** — Unicamp — Brasil